

Roteiro turístico pedagógico como proposta para Educação Ambiental e Turismo na Quarta Colônia de Imigração Italiana-RS

Patrícia BINZ¹

Eliane Carine PORTELA²

Resumo: Na busca pelo aprendizado de caráter não formal, a Educação Ambiental vale-se de experiências lúdicas enquanto alternativa para minimizar o abismo existente entre apropriação da natureza, a degradação ambiental e o esquecimento da memória local, almejando a mudança do comportamento do homem em relação ao ambiente. Este trabalho tem como objetivo, elaborar um roteiro turístico pedagógico para crianças de seis a 11 anos de idade, priorizando o turismo de baixo impacto, e aproveitando o potencial paisagístico e histórico cultural dos municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana. O método utilizado na elaboração do roteiro baseou-se na pesquisa qualitativa e visitas a campo.

Palavras-chave: Educação ambiental; roteiros pedagógicos; Quarta Colônia.

1 Introdução

O turismo tem se revelado uma importante atividade econômica, responsável por gerar emprego e renda, marcando significativamente o século 20, através do seu vetor econômico. E, ainda, traz consigo muitas promessas, conforme explica Coriolano:

A importância e o significado do turismo no mundo têm crescido de forma tão expressiva que vem dando a esta atividade lugar de destaque na política geoeconômica e na organização espacial, vislumbrando-se como uma das atividades mais promissoras para o futuro milênio. (Coriolano, 1998, p. 9).

Mesmo que as questões econômicas relacionadas ao turismo alcancem grandes dimensões e gerem cifras consideráveis, elas não podem ser encaradas como ponto principal do desenvolvimento da atividade. Dessa forma, deve-se assegurar que os recursos naturais, sociais ou culturais, sejam utilizados de forma racional, evitando-se assim, que o crescimento econômico mascare os inúmeros problemas ambientais e culturais da atualidade. A atividade turística deve ser utilizada como ferramenta para recuperação e preservação do patrimônio ambiental e cultural.

O turismo, somado à educação, entre outras ações voltadas para solucionar ou minimizar problemas ambientais e a conservação da identidade cultural, é visto como alternativa para minimizar o abismo existente entre apropriação da natureza, a degradação

¹ Mestranda em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul - UCS. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8101483A6>. E-mail: nutribinz@gmail.com

² Mestranda em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul - UCS. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4973037Y9>. E-mail: elianecarineportela@gmail.com.

ambiental e o esquecimento da memória local, pois visam à mudança do comportamento do homem com o ambiente.

A Quarta Colônia de Imigração Italiana é responsável por abrigar os principais pontos turísticos da Região Central do Rio Grande do Sul. Este recorte espacial compreende os municípios de Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins, cujo cenário pitoresco contempla as paisagens caracterizadas pelo relevo acidentado entre Campos da Depressão Periférica Gaúcha e os Campos do Planalto Médio da Bacia do rio Jacuí, pelas construções antigas e pelo modo de vida baseado em costumes e crenças ligados inicialmente às culturas italiana e alemã.

Com este estudo, busca-se enfatizar a utilização de roteiros turísticos pedagógicos voltados para crianças de seis a 11 anos de idade, a fim de despertá-los para a preservação das áreas verdes e a valorização do passado histórico dos Municípios da Quarta Colônia de Imigração Italiana – RS, pois a busca pelo turismo sustentável, e um meio ambiente saudável, perpassa a educação. Educação essa, comprometida com os ideais de um futuro melhor para todos e para o Planeta.

2 Educação ambiental e turismo: uma proposta para minimizar impactos na relação do homem com o meio ambiente

Diante dos problemas ambientais que se revelam como uma ameaça à vida humana, a questão ambiental se impõe para a sociedade industrial. O crescimento das atividades de produção e de consumo despejou diferentes tipos de resíduos poluentes na água, no ar, no solo e nos subsolos, muito maior do que a capacidade do meio ambiente em assimilá-los e, com isso, muito vem se perdendo em termos de diversidade e natureza.

Da mesma forma, o patrimônio histórico cultural vem sofrendo com o avanço da modernidade, que, por muitas vezes, por não se encaixarem no cenário urbano, são depredados e acabam por morrer soterrados diante de inúmeros edifícios.

E, isto tudo, se deve basicamente ao aprimoramento do capitalismo após a era feudal, que foi repercutido por meio da visão fragmentada e do pensamento mecanicista, sendo então, regidos por ideais de consumo, tornando-se cada vez mais comum a busca para suprir o que se chama de necessidade.

Para Bauman (2008, p. 64):

A sociedade de consumo prospera enquanto consegue tornar perpétua a não-satisfação de seus membros (e assim, em seus próprios termos, a infelicidade deles). O método explícito de atingir tal efeito é depreciar e desvalorizar os produtos de consumo logo depois de terem sido promovidos no universo dos desejos dos consumidores.

Enquanto no âmbito do discurso os avanços tecnológicos visam à melhoria das condições de vida da população na prática do dia-a-dia, o que se vê é o agravamento dos problemas já existentes, principalmente com referência às populações já desfavorecidas.

Assim, pelo pensamento cartesiano, a Revolução Industrial e o capitalismo desenfreado levaram à deterioração socioambiental da sociedade. Nesse sentido, Leff (2001, p. 217) explica que:

A crise ambiental não é crise ecológica, mas crise da razão. Os problemas ambientais são, fundamentalmente, problemas do conhecimento. Daí podem ser derivadas fortes implicações para toda e qualquer política ambiental – que deve passar por uma política do conhecimento –, e também para a educação. Aprender a complexidade ambiental não constitui um problema de aprendizagens do meio, e sim de compreensão do conhecimento sobre o meio.

Torna-se evidente a dificuldade de ser mantida a qualidade de vida da sociedade. E para que esta qualidade se eleve, é preciso garantir padrões ambientais adequados e estimular uma crescente consciência ambiental e cultural, centrada no exercício da cidadania e na reformulação de valores éticos e morais, individuais e coletivos, numa perspectiva orientada para o desenvolvimento sustentável.

Sobre esse processo, Beauclair (2004) destaca que “vivemos uma época de crise, resultante da linearidade do pensamento cartesiano-newtoniano, que precisa ser suplantado por não mais dar conta do pensamento humano, das ciências, das práticas sociais, dos problemas ambientais que estamos, todos, submersos.” (p.42). No entanto, para Guattari (1990), “Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.” (p.9).

Neste contexto, a educação como forma de cidadania abrangente, está ligada a uma relação humano/natureza e, assim, tem o dever de ser utilizada em prol da sociedade e do meio ambiente. A Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 2004), no capítulo próprio da Educação, artigo 205, traz:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Ainda, segundo a Constituição Federal no que trata sobre o Meio Ambiente, refere-se à educação ambiental, como prioridade e como forma de garantir a preservação do meio ambiente (Brasil, 2004):

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as futuras gerações. 1º Para garantir esse direito, cabe ao Poder Público: [...] VI – Promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

Contudo, é claro que se a educação fosse realmente uma prioridade em termos de políticas públicas no Brasil, parte dos problemas enfrentados hoje poderia ter sido evitada e, quem sabe, até solucionada por completo.

Para Gadotti (2000, p. 96):

A educação ambiental vai muito além do conservacionismo. Trata-se de uma mudança radical de mentalidade em relação à qualidade de vida, que está diretamente ligada ao tipo de convivência que mantemos com a natureza e que implica atitudes valores, ações. Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e doméstico.

Nessa direção, a educação para uma melhor cidadania e igualdade de direitos representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais fatores de dinamização da sociedade, e da ampliação do controle social da máquina pública. Assim, terão cada vez mais condições de intervir consistentemente e sem tutela nos processos decisórios de interesse público, legitimando e consolidando propostas de gestão baseadas na garantia do acesso à informação e na consolidação de canais abertos para a participação, que, por sua vez, são precondições para a institucionalização do controle social e a busca pelo equilíbrio social e ambiental.

O processo educativo, nas suas diversas possibilidades, abre um estimulante espaço para que sejam repensadas práticas sociais, bem como, o papel do ser humano no meio em que vive. E tem por objetivo, construir uma sociedade planetária mais equitativa e ambientalmente sustentável.

Contudo, a EA como processo educativo, tem um fluxo e uma dinâmica interna cujos resultados levam algum tempo para aparecer. Pois mudanças no grupo social levam, às vezes, vinte anos para ocorrer, e esse é o tempo de uma geração para a outra.

Para Sato (2001): “A trajetória traçada para a EA deve mirar adiante, desafiar, estabelecer um horizonte de referência, sempre palpitante, e que pelo próprio andar, se desloca à frente, abrindo dimensões ainda não vistas, ampliando horizontes e emprestando significação ao próprio andar.” (p.17).

Há que se encontrar alternativas para outras circunstâncias emergentes que estão exigindo respostas e decisões educativas: a ampliação dos espaços educativos para além dos muros da escola é uma realidade incontestável; as novas e complexas formas em que se estabelecem as relações de trabalho estão a demandar novos meios e espaços de formação dos jovens; as consequências sociais decorrentes da internacionalização da economia, entre outros fatores, exigem o repensar do papel da pedagogia na direção da construção de novas mediações sociais e políticas, com vistas a um projeto de futuro digno às novas gerações (Franco, 2008).

É neste contexto, que a atividade turística baseada em roteiros pedagógicos revela-se um importante aliado do professor, almejando o melhor aprendizado do aluno. Sendo o Turismo e a Educação Ambiental premissas para guiar o cidadão no seu desenvolvimento, instigando-o na busca pelo conhecimento, valorização e respeito com o meio ambiente e das diferentes culturas. O ato de viajar (ou sair do contexto ao qual se está acostumado), conhecer lugares e pessoas, possibilita ao aluno/indivíduo estimular a cidadania, que só se dá mediante a vivência que se tem com o objeto de estudo.

Para Dias (2005, p. 22):

[...] a atividade turística, assume significado especial à interpretação com o meio, uma vez que o sujeito aprende, ao vivo a experiência, ao entrar em contato com as situações que se lhe apresentam, nelas mergulha intensamente, com mente e coração, com elas dialoga, interage, sente influencias e expressa sentimentos.

Assim, gerar empregos, renda, desenvolvimento social, e contribuir para a preservação da cultura e do meio ambiente de uma determinada localidade, são somente algumas das expectativas relacionadas ao turismo baseado na educação ambiental.

3 Roteiros turísticos pedagógicos como recurso didático para educação ambiental de crianças de seis a 11 anos

Tendo em vista a necessidade da educação como proposta para apaziguar a relação do homem com a natureza e resgatar a memória do local, cabe abordar a incorporação de novas metodologias. Estas podem contribuir para o desenvolvimento do pensamento científico e a formação de atitudes científicas que permitam aos cidadãos a utilização do conhecimento científico na vida diária.

O que retoma a necessidade de suplantar, a ideia abordada por Delizoicov Angotti e Pernambuco (2002) de que, “a maioria dos professores da área de Ciências Naturais ainda permanece seguindo livros didáticos, insistindo na memorização de informações isoladas, acreditando na importância dos conteúdos tradicionalmente explorados e na exposição como forma principal de ensino”. (p.127).

Uma nova metodologia de ensino possibilita um conjunto de atividades sistêmicas que proporcionem a obtenção de objetivos amplos. Para tanto, faz-se necessária a utilização de atividades específicas que possam conduzir o indivíduo à aprendizagem, através de técnicas de ensino ou modalidades didáticas, que possam proporcionar uma melhor aprendizagem, como é o caso de roteiros ao ar livre.

Para Vieira (2005, p. 15): “Esses espaços oferecem a oportunidade de suprir, ao menos em parte, algumas das carências da escola como a falta de laboratórios, recursos audiovisuais, entre outros, conhecidos por estimular o aprendizado”.

Assim, “tenta-se utilizar o mundo que rodeia o aluno para levá-lo a construir seu conhecimento.” (Pereira & Putzke, 1996, p. 20). Cabe salientar que, o desenvolvimento da atividade de campo pode, inclusive, sensibilizar seu público para a preservação dos recursos naturais, que está em contato direto, através da visitação.

Percebe-se que, os alunos ao saírem da sala de aula para uma atividade além-escola, é tão importante quanto o planejamento das atividades curriculares. Pois, quando um aluno adquire interesse pelo patrimônio natural/cultural, abrem-se portas para novas experiências e descobertas, além estimular a criatividade.

Tal experiência jamais se apagará, e os alunos levaram dessa atividade lições para a vida toda. Aspectos que, provavelmente, não seriam possíveis sem a prática do Turismo Pedagógico.

As crianças estão sempre abertas ao novo. Na faixa etária dos seis aos 11 anos elas estão ingressando os estudos nos anos iniciais, é o primeiro passo na jornada para aquisição de conhecimento que se estenderá por alguns anos.

Por isto, para Kishimoto (1994) “é de grande valora social, oferecendo possibilidades educacionais, pois, favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo preparando para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais.” (p.13).

Os roteiros pedagógicos devem buscar evidenciar a educação que cada região, área e lugar têm, os quais podem agregar aprendizado aos anos iniciais. E para acrescentar o conhecimento nos roteiros turístico-pedagógicos, o professor é um agente importante na elaboração dos roteiros, uma vez que é ele quem tem o conhecimento sobre o que o aluno estudou ou vai estudar, por isto, recomenda-se conectar com as agências de viagens. Para a realização destas atividades, o guia de turismo tem a função importante de orientador.

Neste contexto, o guia de turismo desempenha papel primordial para a concretização do produto turístico, na assimilação das informações passadas as crianças. Uma vez que, é ele o profissional que permanecerá maior tempo em companhia do grupo e será o responsável por cuidar para que os serviços contratados anteriormente sejam cumpridos eficientemente. Sendo assim, a capacitação e qualificação profissional são essenciais para que estes possam trabalhar a interdisciplinaridade de forma clara e coerente.

Para a utilização da interdisciplinaridade, não há uma técnica melhor que o estudo do meio, pois se trabalha com o objetivo dos alunos verem e vivenciarem o conjunto e não cada parte separadamente.

Restando citar, novamente Dias (2005, p. 32):

Enfim, toda a comunidade tem algo a ser estudado e valorizado e seu estudo favorece a compreensão da região onde estiver localizada, sejam quais forem suas dimensões, porque em qualquer comunidade podemos encontrar elementos que condicionam a vida do homem.

Através destes pensamentos, conclui-se que, o turismo é, ao mesmo tempo, uma alternativa para o desenvolvimento da aprendizagem, bem como um momento de lazer. Completando, Parker (1978, p. 112) refere que “a aprendizagem é mais rápida e duradoura se for agradável e satisfatória em si mesma, e as melhores experiências educacionais assumem uma natureza lúdica”.

Neste sentido, a utilização de roteiros guiados, busca além de experiências “ao ar livre”, que por si só pode proporcionar lazer, tornar esses espaços um caminho para a educação ambiental.

4 Quarta Colônia de Imigração Italiana (RS)

Conhecida como “Quarta Colônia”, uma abreviação de Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, corresponde à quarta área onde foram distribuídas terras para os italianos que imigraram no final do século 19, para o Estado do Rio Grande do Sul. As primeiras colônias se instalaram na Serra Gaúcha, correspondem respectivamente: Dona Izabel, atualmente Bento Gonçalves; Conde D’Garibaldi, atualmente Garibaldi e Fundos de Nova Palmira atual Caxias do Sul.

O processo de colonização por imigrantes italianos, bem como dos alemães ocorreu enquanto um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, ao final do século XIX e início do século XX, com a finalidade de preencher os chamados “vazios demográficos” do Sul do país. Segundo Fausto (2000), no período de 1882 até 1889 o Rio Grande do Sul recebeu cerca de 41.616 imigrantes, destes 34.418 eram italianos, oriundos, em grande parte do norte da Itália, das regiões de Vêneto, Buia e Montava.

Os italianos, recém-chegados, realizaram a travessia Itália/Brasil, em navios que estavam em péssimas condições. Ao chegarem ao Brasil, constataram que não era o paraíso do qual haviam feito propaganda na Itália para convencê-los a embarcarem.

O ano de 1887 marcou o início do que viria a ser a Quarta colônia de Imigração Italiana, localizada na Região central do estado. Não só na viagem os imigrantes sofreram, doenças como tifo dizimaram mais de 400 pessoas (Santin, 2002) na Quarta Colônia.

A Quarta Colônia abrange uma área territorial de 1401,6 km², e uma população de cerca de 30 mil habitantes (FEE, 2008)³, está inserida numa região formada por vales encaixados que formam o Rebordo do Planalto Meridional (Serra de São Martinho), entre o Planalto Meridional e a Depressão Periférica Central do Rio Grande do Sul, esses pequenos municípios têm sua economia baseada no setor primário, com destaque para as culturas de arroz, batata, fumo, milho, soja feijão e frutas, e as criações de suínos, gado de corte e de leite e aves. Essas atividades são desenvolvidas tendo como força de trabalho a família dos proprietários.

Neste lugar como em noutros os colonizadores desenvolveram práticas sociais que foram simultaneamente espaciais buscando condições para produzirem e garantirem seu(s) território(s), sua reprodução biológica e social, diariamente. Efetivaram atividades econômicas, políticas, e culturais, reproduzindo o ideário trazido da Itália e assim, geraram um modo de vida específico daquele lugar (com traços comuns a outros lugares de colonização italiana) (Saquet, 2002).

Assim como a cultura e os hábitos dos descendentes de italianos tornaram-se marca registrada região, a sua paisagem e o meio ambiente no seu entorno também merecem destaque. Espaços remanescentes da Mata Atlântica resistem ao tempo e a degradação, o que torna a região propícia para a prática do turismo de aventura.

³ Fundação de Economia e Estatística (FEE), vinculada a Secretaria de Planejamento do estado do Rio Grande do Sul.

Por se tratar de um roteiro voltado a crianças de seis a 11 anos, evitou-se a elaboração do roteiro com atrativos em excesso, nem com duração superior a cinco horas. O que delimitou o percurso e a abrangência do município de Silveira Martins e o distrito de Vale Vêneto, que pertence ao município de São João do Polêsine.

No entanto, antes de partir para o berço da Quarta Colônia, não se pode deixar de relatar o Distrito de Arroio Grande, pertencente ao Município de Santa Maria-RS, considerado o Portal da Quarta Colônia, pois foi por ali que os imigrantes italianos entraram mata adentro, para chegar ao Barracão⁴, posteriormente Silveira Martins e demais municípios. Localizado a noroeste do município sede, Arroio Grande abriga algumas famílias descendentes de italianos, uma cantina que serve comida típica e algumas fábricas de facas.

5 Proposta do roteiro guiado

O turismo em suas diferentes faces oferece opções e alternativas para aliar a Educação Ambiental como um processo colaborativo de aprender a cuidar da história e da natureza de um lugar.

Nesse contexto, a proposta do roteiro guiado pode se configurar em uma forma de ampliar o conhecimento e a responsabilidade para com o ambiente por parte das crianças que participarem do passeio. A seguir serão apresentadas as etapas que compõem o roteiro, conforme está apresentado no mapa a seguir (figura 1).



Figura 1 - Percurso do roteiro guiado⁵
Fonte: Adaptado pela autora do Google maps

⁴ Local onde os imigrantes aguardavam meses até por anos a destinação de suas terras.

⁵ Legenda: 1. Arroio Grande; 2. Estrada do Imigrante; 3. Propriedade da família Moro; 4. Monumento ao Imigrante – Val de Buia; 5. Silveira Martins; 6. Estrada Sil-Veneto; 7. Igreja de Corpus Christi; 8. Museu de Imigração Italiana Padre Eduardo Marcuzzo; 9. Gruta Nossa Senhora de Lourdes; 10. Propriedade Vizzoto;

5.1 Primeira parada: Arroio Grande (Santa Maria), considerado Portal da Quarta Colônia. Neste ponto será feita uma explanação sobre o roteiro que será percorrido, será abordada a história da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, tão importante para o desenvolvimento do Estado.



Figura 2 - Distrito de Val de Buia

Fonte: Acervo da autora

5.2 Segunda parada: Estrada do Imigrante (VRS 804). É importante salientar que esta estrada, liga Arroio Grande até Silveira Martins, é o mesmo percurso realizado pelos imigrantes. Foram eles que abriram a estrada no meio da mata fechada.



Figura 3- Estrada do Imigrante

Fonte: Acervo da autora

5.3 Terceira Parada - Moinho movido à roda d'água, - no Distrito de Val de Buia (Silveira Martins). A família Moro, proprietária do sítio, mantém viva a tradição italiana. Próximo à casa encontra-se um dos poucos moinhos movido à roda d'água em funcionamento no Estado, produzindo energia para fazer a farinha de milho, bem como moer a cana, para a fabricação de licores e cachaças.



Figura 4 - Propriedade da família Moro / Moinho movido a Roda D'água.

Fonte: Acervo da autora

Aqui cabe ressaltar a importância da manutenção de tradições, perante o grande êxodo dos jovens que trocam o interior pelas cidades na busca de novas oportunidades.

5.4 Quarta parada - Monumento ao Imigrante, Distrito de Vale Vêneto (Silveira Martins-RS) inaugurado em 1977, no mesmo local onde existiu o Barracão, local de parada dos imigrantes até que fossem delimitadas as suas terras. A cruz, elemento principal, simboliza a fé cristã e todos que faleceram de peste à espera de suas terras, entre outros elementos compõem o

cenário. Com vista privilegiada, cabe ressaltar a importância de áreas em espaços abertos para convivência coletiva.



Figura 5 - Monumento ao Imigrante
Fonte: Acervo da autora

5.5 Quinta parada: Município de Silveira Martins- RS. O centro da cidade abriga prédios antigos, mas o que se sobressai é a igreja Santo Antônio de Pádua, a única na América Latina com torre cilíndrica.



Figura 6 - Igreja Santo Antônio de Pádua

Fonte: Acervo da autora

5.6 Sexta parada: Estrada que liga Silveira Martins a Vale Vêneto. Neste local em meio aos fragmentos da mata atlântica, cabe abordar questões acerca da situação do atual ecossistema Brasileiro e mais específico do ecossistema gaúcho, o qual é inegável a preocupação quanto aos riscos do seu desaparecimento. Assim, lembrando que, com o desmatamento o solo fica exposto à ação da chuva, que acentua a erosão e provoca o assoreamento dos rios, arroios e lagos.

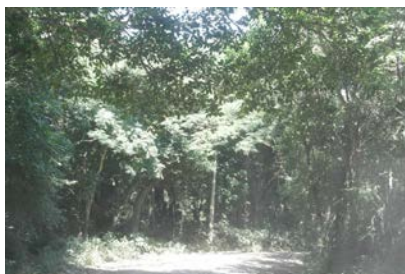


Figura 7 – Estrada Sil-Vêneto;

Fonte: Acervo da autora

A mata, como uma de suas finalidades, controla localmente o clima, regula os cursos d'água, e garante a captação de água para as populações que vivem próximas. Por isso, a importância da sua preservação, em especial a das espécies nativas.

5.7 Sétima parada: Distrito de Vale Vêneto (São João do Polêsine-RS): Igreja de Corpus Christi, única no Brasil dedicada ao Corpo de Cristo, é um dos principais atrativos da região, sendo responsável por atrair turistas de cunho religioso. Aqui, cabe ressaltar a questão da religião e a fé e sua atual função na sociedade.



Figura 8 - Igreja de Corpus Christi

Fonte: Acervo da autora

5.8 Oitava parada: Museu de Imigração Italiana Padre Eduardo Marcuzzo - Distrito de Vale Vêneto (São João do Polêsine-RS), fundado no ano de 1975, em comemoração aos 100 anos da colonização, em seu acervo podem ser encontradas mais de 3 mil peças, entre objetos de

lavoura, móveis, roupas, entre outros. Todo o acervo do Museu foi obtido por meio de doação e é mantido pela Associação Cultural do Imigrante (figura 9). O valor do ingresso por pessoa, para visitar o museu, é de R\$ 1,00, sendo necessário agendamento prévio.



Figura 9 - Ferro de passar dos imigrantes - Museu de Imigração Italiana

Fonte: Acervo da Autora

5.9 Nona parada: Gruta Nossa Senhora de Lourdes - Após uma caminhada de 130m, em meio a árvores, encontramos a Gruta Nossa Senhora de Lourdes (figura 10), 200m adiante, em meio à mata Atlântica está o riacho Vizzoto (figura 11). Aqui, é propício abordar a questão da água, pois, mesmo que, o território brasileiro concentre grande parte da água doce do mundo, isso não deve servir como justificativa para o descaso com que o tema é inúmeras vezes é tratado.



Figura 10- Gruta Nossa Senhora de Lourdes

Fonte: Acervo da autora



Figura 11 - Riacho Vizzoto

Fonte: Acervo da autora

Sugere-se aqui um repensar, através da sensibilização, com relação aos cuidados que se deve ter com a água, seja a que abastece todas as casas, a que fica no lago, a do córrego, e até mesmo aquela que vem engarrafada. O desperdício, nos tempos atuais, chega ser considerado um “pecado capital”.

5.10 Décima parada: caminhada – Distrito de Vale Vêneto, na Linha 2 (São João do Polêsine-RS), a trilha em meio aos fragmentos da Mata Atlântica, apresenta-se a sugestão de um período de descanso, com um piquenique coletivo (figura 12).



Figura 12 – Propriedade do Sr. Vizzoto - Linha 2

Fonte: Acervo da autora

Neste ponto, o último do roteiro, a coletividade torna-se um ponto importante, pois hoje, cada vez mais, vive-se em meio a uma sociedade individualista, que busca alternativas solitárias de sobrevivência e que se desencanta e aliena frente às perspectivas de futuro. Dessa maneira, é necessário incentivar as formas coletivas de organização, de maneira que todos possam exercer alguma forma de poder, o respeito à vida, a solidariedade, a justiça social e a garantia de qualidade de vida.

Assim, para uma atividade ainda mais lúdica, sugerimos o “ski bunda”, uma brincadeira muito utilizada já há alguns anos pelas pessoas que moram no interior.

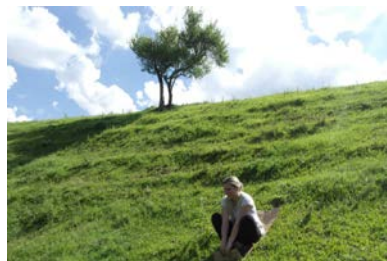


Figura 13 - Ski bunda

Fonte: Acervo da autora

Cabendo ao final do passeio a cada um, individualmente ou em grupo, o entendimento que todos são responsáveis pela construção do espaço público voltado às práticas turísticas onde a cidadania e a democracia devem se fazer presente. Da coletividade e da solidariedade, será possível pensar em um futuro melhor, num mundo sustentável e em uma nova ética, uma ética pautada no respeito ao outro e ao mundo onde se vive.

6 Considerações finais

Levando-se em consideração que o turismo baseado em paisagens naturais e culturais é uma tendência crescente em termos de turismo mundial, o mesmo desperta preocupações para o uso sustentável dos atrativos naturais e das manifestações culturais que se apresentam associadas.

A Quarta Colônia de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul destaca-se por apresentar inúmeros atrativos, tanto de cunho ambiental quanto cultural, e merecem ser utilizados na busca da aproximação do homem com o meio e despertando o respeito pelo patrimônio cultural, herdado dos imigrantes.

É nesse contexto que a atividade turística pode expandir os seus horizontes, ampliar e enriquecer a forma de atuar e de pensar dos moradores e visitantes, além de tornar a

Quarta Colônia uma infindável fonte de conhecimento ambiental e cultural. A intenção da prática do roteiro guiado é propiciar aos seus destinatários as condições necessárias para o desenvolvimento da consciência ecológica e a compreensão da evolução do meio social e físico em sua totalidade.

A sua eficácia, portanto, deverá ser medida “pelo grau em que mudam atitudes e comportamentos das pessoas que visitam e dos cidadãos que residem no local”. Pois, faz-se cada vez mais necessário que o turismo, com toda a sua interdisciplinaridade, volte-se principalmente aos interesses de um mundo melhor, através da busca pela qualidade de vida e conservação de bens e recursos. É muito importante que, este, vise à valorização e proteção do meio ambiente e do patrimônio.

A elaboração deste trabalho permitiu desenvolver uma linha de raciocínio focada na elaboração de uma atividade cujo objetivo está voltado para a área turística e, igualmente, para o visitante. Ressalta-se o desejo de que, após o passeio, os visitantes levem consigo muito mais do que a lembrança da beleza do lugar, mas a esperança e a vontade de participar da construção de um futuro sustentável.

Conclui-se com este trabalho que o turismo, juntamente com outros benefícios, pode servir como uma ferramenta complementar em atividades pedagógicas, ressaltando-se que, na busca por uma melhor qualidade de vida mundial ainda há muito a se fazer.

7 Referências bibliográficas

- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beauclair, J. (2004). *Psicopedagogia*. Rio de Janeiro: Wak.
- Brasil (2004). *Constituição da República Federativa do Brasil 1998* (33 ed.). São Paulo: Saraiva.
- Coriolano, L. N. (1998). *Do local ao global: o turismo litorâneo cearense*. Campinas: Papirus.
- Delizoicov, D., Angotti, J. A., & Pernambuco, M. M. (2002). *Ensino de Ciências: Fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez.
- Dias, R. (2005). *Introdução ao Turismo*. São Paulo: Atlas.
- Fausto, B. (2000). *História do Brasil* (8 ed.). São Paulo: EDUSP.
- Franco, M. A. S. (2008). *Pedagogia como ciência da educação*. São Paulo: Cortez.
- Fundação de Economia e Estatística (2015). *Resumo estatístico RS*. Recuperado de <http://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/estado/>
- Gadotti, M. (2000) *Autonomia da escola: princípios e propostas*. São Paulo: Cortez.
- Guattari, F. (1990). *As três ecologias*. [Les Trois écologies]. Bittencourt. Campinas: Papirus.
- Kishimoto, T. M. (1994). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Livraria Pioneira.
- Leff, E. (2001). *Epistemologia ambiental* (2 ed.). São Paulo: Cortez.
- Parker, S. (1978). *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar.

Pereira, A. B., & Putzke, J. (1996). *Proposta metodológica para o ensino de Botânica e Ecologia*. Porto Alegre: DC Luzzatto.

Santin, S. (2002). *A Quarta Colônia e seus 125 anos*. Recuperado de http://www.labomidia.ufsc.br/Santin/Col_italiana/2_A_Quarta_Colonia_e_seus_125_Anos.pdf

Sato, M. (2001, novembro). *Debatendo os desafios da educação ambiental*. Artigo apresentado no Primeiro Congresso de Educação Ambiental Pró Mar de Dentro, Rio Grande. Artigo recuperado de http://www.partes.com.br/meio_ambiente/educacao.htm

Saquet, M. A. (2002). *Colonização italiana e agricultura familiar*. Porto Alegre: EST.

Vieira, V. (2005). *Análise de espaços não-formais e sua contribuição para o ensino de ciências* (Tese de doutoramento, IBqM, UFRJ).